
Ideia, História e Sistema em Hegel

Idea, History and System in Hegel

João Alberto Wohlfart¹

Resumo: O texto tenta demonstrar a relação de circularidade dialética entre a Ideia, proveniente da *Ciência da Lógica*, a Filosofia da História universal e a estrutura do Sistema Filosófico. A coextensividade entre História e Sistema, como componente estruturante da filosofia hegeliana, é demonstrada na identidade entre Filosofia da História e Filosofia do Espírito enquanto sistemática de autodeterminação da liberdade. A conjugação entre Ideia, Filosofia da história e Sistema filosófico desencadeia-se no movimento de autodeterminação da liberdade e de progressiva automanifestação da razão em diferentes esferas da Filosofia do real. Desta forma, o desdobramento dos sistemas filosóficos ao longo da História da Filosofia e os diferentes níveis de relação da *Ciência da Lógica* com a Filosofia do Real correspondem ao desdobramento das determinações subjetivas da Ideia. O Sistema hegeliano é uma Filosofia da História porque é uma síntese da evolução histórica do pensamento filosófico e uma sistematização filosófica dos saberes da época de Hegel.

Palavras-chave: Espírito. História. Sistema.

Abstract: The paper attempts to demonstrate the relationship between dialectical circularity Ideas from the Science of Logic, Philosophy of Universal History and structure of the Philosophical System. The coextensivity between History and System, as a structural component of the Hegelian philosophy is demonstrated on the identity of the Philosophy of History and Philosophy of Spirit as systematic self-determination of freedom. The conjunction of Ideas, Philosophy of history and philosophical system triggers on the freedom of movement for self-determination and progressive self-manifestation of reason in different spheres of Philosophy real. Thus, the development of philosophical along the history of philosophy and the different levels of relationship with the Science of Logic Philosophy of Real systems correspond to the split of subjective determinations of Ideas. The Hegelian system is a philosophy of history because it is a synthesis of the historical development of philosophical thought and a philosophical systematization of knowledge of the time of Hegel.

Keywords: Spirit. History. System.

1. Introdução

O texto que segue tem como objeto explicitar a noção hegeliana da relação entre História e Sistema. Trata-se, mais precisamente, da relação entre as obras estritamente sistemáticas como a *Ciência da Lógica* e a *Enciclopédia das*

¹ Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE); Faculdade de Administração da Associação Brasileira de Educação (FABE). E-mail: joao@fabemarau.edu.br. Endereço postal: Rua Senador Pinheiro, 350 - Vila Rodrigues, Passo Fundo - RS, 99070-220.

Ciências Filosóficas e as Lições sobre a Filosofia da História, respectivamente formuladas nas décadas de 10 e de 20 do século XIX. A Filosofia da História, integrante da “parte” do sistema que trata do espírito objetivo, não é apenas uma parte inferiorizada do sistema global, mas todo o Sistema Filosófico está impregnado de historicidade. A configuração global do pensamento filosófico na sua obra completa e nas partes que constituem o sistema é resultado do processo de pensar a história e traduzi-la no pensamento filosófico.

A Filosofia da História, integrante do sistema da *Filosofia do Espírito*, é um dos resultados significativos da síntese entre os círculos da *Ciência da Lógica* e da *Filosofia da Natureza* integrados no conceito de segunda natureza configurada na História universal. A Filosofia da História universal caracteriza a força de racionalidade enquanto Ideia de liberdade que perpassa a História no desdobramento de épocas, civilizações, sistemas de eticidade e formas racionais de organização política. O texto tenta demonstrar que o desenvolvimento da História universal enquanto processo de universalização da liberdade nas civilizações persa, grega, romana e germânica identifica-se dialeticamente com o desenvolvimento da Filosofia do Espírito na condição de história do Espírito.

Com esses pressupostos, o texto tenta demonstrar o caminho de identificação entre o Sistema Filosófico global, estruturado em *Ciência da Lógica*, *Filosofia da Natureza* e *Filosofia do Espírito* e a Filosofia da História, na medida em que o sistema completo resulta da interpretação da História efetiva do tempo de Hegel e da exposição da História da Filosofia na configuração dialética do modelo hegeliano. Na relação entre Sistema e História, o pensamento filosófico hegeliano contém a dimensão subjetiva que resulta da reflexão do filósofo; contém, igualmente, uma dimensão objetiva de autodeterminação do real estruturado na forma de um sistema complexo.

2. Ciência da Lógica e História

Com o objetivo de compreender o Sistema Filosófico hegeliano enquanto Filosofia da História, tecemos algumas considerações elementares acerca do último capítulo da *Ciência da Lógica* intitulado por Hegel de Ideia

absoluta. Esse capítulo significa o ponto sintético de convergência de todo o movimento racional e dialético desenvolvido na obra, uma atualização e reintegração das categorias e estruturas categoriais traduzidas na estrutura do Método e do Sistema e no círculo dialético de subjetividade e objetividade da Ideia absoluta. Por outro lado, o último capítulo estabelece a passagem da *Ciência da Lógica* para a *Filosofia da Natureza* e para a *Filosofia do Espírito*. Não se trata, portanto, de apenas uma unidade no contexto macrossistemático da filosofia, mas da pulsão vital que coloca o sistema filosófico em movimento de articulação. Para o filósofo,

Esta ampliação pode considerar-se como o momento do conteúdo, e, em seu conjunto, como a primeira premissa: o universal se comunicou à abundância do conteúdo, e conservado diretamente neste. Mas a relação tem também o seu segundo lado, o negativo ou dialético. O enriquecimento progride na necessidade do conceito, está contido por este, e cada determinação é uma reflexão sobre si. Cada novo grau de saída de si de uma ulterior determinação, é também um adentrar em si, e a maior extensão é igualmente maior intensidade. Por conseguinte, o mais rico é o mais concreto e mais subjetivo, e o que se retira à profundidade mais simples, é o mais poderoso e o mais abrangente (HEGEL, 1986, p. 251).

No capítulo sobre a Ideia absoluta não apenas as estruturas conceituais da *Ciência da Lógica* recebem uma configuração sintética mais condensada, mas Hegel reformula o dualismo kantiano entre razão teórica e prática e a indiferença schellinguiana entre subjetividade e objetividade num processo de diferenciação e identificação entre universalidade e particularidade, entre subjetividade e objetividade, entre método e substancialidade. A estrutura do método é constituída pela subjetividade e pela objetividade, pela interioridade reflexiva e pela exterioridade efetiva dispostas em círculos de determinação diferenciados. Nesta instância metódica, subjetividade e objetividade identificam-se porque uma é a expressão da outra e o seu reverso; diferenciam-se porque se ultrapassam reciprocamente. As duas dimensões do método estão dispostas em círculos concêntricos diferenciados e mutuamente mediatizados em cujo processo a subjetividade exterioriza-se na substancialidade estrutural da objetividade e essa retorna à reflexividade da própria subjetividade. Nesta estrutura dinâmica, quanto maior a abrangência da estrutura objetiva, maior

será o grau de reflexividade racional alcançado pelo sistema do método. A configuração estrutural da Ideia absoluta é em formato de círculos concêntricos segundo os quais a interioridade da razão autodetermina-se no círculo exterior da objetividade e da substancialidade, enquanto a autodiferenciação desse círculo efetivo desenvolve um novo grau de racionalidade que ultrapassa essa determinação do real. Neste sentido, no sistema circular de ondas concêntricas móveis, a dimensão mais elevada corresponde com a estrutura do real e a dimensão interna com a força da inteligibilidade da razão e da reflexividade.

Na compreensão hegeliana, o método não é uma forma racional exteriormente aplicada ao conteúdo real para proporcionar organização e estruturação, mas caracteriza o autodesenvolvimento e a autodeterminação do próprio conteúdo. Trata-se da estrutura racional do real considerada a partir do movimento de sua exposição. Neste sentido, o movimento de autodesenvolvimento da interioridade para a exterioridade corresponde com a autodeterminação da razão na realidade, da *Ciência da Lógica* na sistemática da Filosofia do real, na condição de objetividade da subjetividade; enquanto o desenvolvimento da exterioridade para a interioridade caracteriza a fundamentação de uma nova racionalidade, de uma nova estrutura de pensamento e nova reflexividade filosófica, na condição de subjetividade da objetividade. Não se trata, pois, de uma razão preestabelecida que se põe incondicionalmente na realidade, mas o seu mergulho para o interior do real produz uma nova razão e um novo sistema de pensamento. Nesta estruturação, os componentes da subjetividade e da objetividade não são duas dimensões exteriormente relacionadas, mas cada uma compreende a estrutura inteira da Ideia absoluta. A primeira perpassa a segunda na condição da racionalidade do real e do sistema filosófico, enquanto a segunda perpassa a primeira na condição da efetivação da razão. Entre uma dimensão e outra se desenvolve uma sistemática de mediação na medida em que a subjetividade circunscreve a objetividade na condição de racionalidade imanente e de significação universal; enquanto a objetividade circunscreve a subjetividade na condição de racionalidade efetivada.

A compreensão hegeliana de método na acepção de movimento universal que põe todo o sistema filosófico em movimento, caracteriza a autodeterminação que integra todas as esferas e estruturas do universo. Nesta acepção, não há nada extrínseco ao método e nada de particular que possa escapar de seu movimento, mas a constituição de qualquer objeto insere-se no movimento universal de autodeterminação da Ideia. Na sistemática do método, proposta por Hegel no final da *Ciência da Lógica* e a sua compenetração no processo de autodesenvolvimento do sistema, qualquer conteúdo particular é resultado do movimento universal que transversaliza e mediatiza todas as partes em múltiplos movimentos de inter-relação. Em outras palavras, qualquer elemento inclui-se no processo universal de autodesenvolvimento do sistema. Por outro lado, isso não significa uma anulação da particularidade e da elementaridade por um processo extrínseco e alheio, mas cada coisa, na sua condição específica, expõe o movimento e a estrutura universal do método. Isso significa dizer que uma determinação da Natureza ou do Espírito, ao expressar o seu desenvolvimento particular, expõe o movimento universal do método que se determina em outro grau de universalidade. A consequência sistemática dessa exposição é a estrutura do sistema filosófico:

Cada uma das partes da filosofia é um Todo filosófico, um círculo que se fecha sobre si mesmo; mas a ideia filosófica está ali em uma particular determinidade ou elemento. O círculo singular, por ser em si totalidade, rompe também a barreira de seu elemento e funda uma esfera ulterior. Por conseguinte, o todo se apresenta como um círculo de círculos, cada um dos quais é um momento necessário, de modo que o sistema de seus elementos próprios constitui a ideia completa, que igualmente aparece em cada elemento singular (HEGEL, 1995, § 15).

O parágrafo da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* expõe de forma sintética o movimento de articulação do sistema filosófico e a integração de suas partes. A noção hegeliana de sistema é constituída pela integração entre a Ideia filosófica universal e o processo de fundamentação das relações entre as partes qualificadas como totalidades. O primeiro círculo filosófico determinado é a *Ciência da Lógica* que não permanece fechado na condição de uma pura Lógica, mas a sua abertura proporciona a fundamentação racional para o

estabelecimento de outra esfera, a *Filosofia da Natureza*, que novamente se abre e funda a esfera da *Filosofia do Espírito*. Da combinação dialética entre a universalidade da Ideia filosófica e o círculo de inter-relacionalidade entre as “partes” estruturantes do sistema filosófico, as diferentes esferas são parcialmente desintegradas em função da especificidade que lhes é ínsita, e parcialmente integradas porque mutuamente abertas umas em relação às outras. Nesta configuração, a primeira composição geométrica do sistema é a horizontalidade da sequência das determinações particulares perpassadas pelo fio condutor da Ideia filosófica que interliga sistematicamente as esferas numa estrutura intercíclica global. Como, metodicamente, Hegel começa pelo mais simples e abstrato e complexifica a exposição sistemática num movimento intrínseco de constituição da universalidade concreta, a verticalidade representa a imagem de diferentes graus de fundamentação, tais como a passagem da *Ciência da Lógica* na *Filosofia da Natureza* e desta na *Filosofia do Espírito*. Este procedimento da razão caracteriza uma força sistemática que transforma, reintegra e suprassume as determinações abstratas anteriores no grau de efetivação do Espírito. As imagens da horizontalidade e da verticalidade são completadas com o processo de cada esfera que cumpre o seu ciclo de desenvolvimento e de intercircularidade do movimento de interdependência dos círculos que giram sobre si mesmos e sobre os outros. A imagem do círculo dos círculos caracteriza a transversalidade global de um círculo universal constituído a partir das inter-relações dinâmicas e dos diferentes níveis de fundamentação.

A estrutura dinâmica do sistema filosófico lida no parágrafo 15 da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, caracteriza uma disposição circular dos círculos filosóficos perpassados pela universalidade da Ideia filosófica metaforicamente denominada por Hegel de círculo dos círculos. Numa primeira aproximação, uma parte do sistema filosófico não caracteriza uma simples parte, mas a *Ciência da Lógica*, a *Filosofia da Natureza* e a *Filosofia do Espírito* caracterizam totalidades porque concentram a multidimensionalidade de formas nas quais a totalidade do sistema aparece na configuração própria de cada círculo. Em outras palavras, cada círculo do sistema constitui a totalidade do sistema na sua determinação própria, quando, por exemplo, a *Ciência da*

Lógica aparece como a tradução da totalidade na configuração da inteligibilidade própria da razão, a *Filosofia do Espírito* caracteriza a tradução da totalidade do sistema na configuração da História. Neste dinamismo metódico e sistemático há uma abertura multidimensional de todas as esferas às outras, passam pela outras, constituem as outras e retornam a si mesmas através da reintegração à sua própria estrutura racional. Além da diferença típica de cada esfera, cada qual torna-se constitutiva das outras quando a intercircularidade global é estabelecida na perspectiva da interação entre os círculos na qualidade da autodeterminação global. Nessa leitura, a Ideia filosófica como círculo dos círculos é resultado das relações intercíclicas quando todas as esferas, conjuntamente, universalizam-se na Ideia que reaparece em cada esfera particular como a sua determinação. Nesse nível de complexidade estrutural e dinâmica do sistema, não se estabelece apenas uma estrutura de relações entre as esferas específicas, mas cada esfera contém em si mesma as outras esferas. Mas, para estabelecer a relação entre Sistema e História, continuamos com o filósofo. Sobre essa relação, Hegel escreve:

O momento da atividade abstrata deve considerar-se como o nexos, como o *medius terminus* entre a Ideia universal, que repousa no poço íntimo do espírito, e o exterior, como o que tira a Ideia da sua interioridade e a põe na exterioridade. A universalidade, ao exteriorizar-se, logo se individualiza. O interno por si seria algo de morto, de abstrato; mediante a atividade, torna-se algo existente. Inversamente, a atividade eleva a objetividade vazia à manifestação da essência que existe em si e para si (HEGEL, 1995, p. 93).

O texto, extraído da Introdução à Filosofia da História universal, explicita a relação entre Ideia e História, entre *Ciência da Lógica* e Filosofia do Real. Não se trata de uma Ideia absoluta transcendentemente preestabelecida em relação à História, mas a sua consistência lógico-sistemática advém da mediação histórica e do seu mergulho para dentro da História. A noção hegeliana de Filosofia da História não consiste na idealidade racional da razão contraposta ao caráter empírico e temporal da História supostamente inferiorizada em relação à Ideia. Na Filosofia da História, a interioridade da Ideia filosófica e a exterioridade das épocas e civilizações constituem dimensões com a mesma qualidade racional, na condição de duas facetas da

mesma realidade. O texto introduzido contém uma correlação com o capítulo final da *Ciência da Lógica* no qual a reflexividade da razão e a estrutura do conteúdo são conciliados no processo metódico de autodeterminação do real, na autoconsciência do conteúdo e na efetivação da razão. A Filosofia da História é pensada a partir da atividade que supera o caráter de abstração da Ideia considerada em sua pura interioridade, conferindo à exterioridade uma qualidade racional que excede a mera empiricidade e materialidade. Nessa atividade, a interioridade da Ideia é posta na exterioridade em forma de efetividade histórica e de civilização cuja objetividade adquire o caráter de essencialidade efetivada. A Filosofia da História é resultante da superação da polarização incomunicável e antinomia irreduzível entre a pura idealidade da Ideia e a mera exterioridade vazia da História empírica reconduzidas à síntese da permanente tensão entre interioridade e exterioridade na qual uma será a expressão da outra. Para Hegel, “pode dizer-se que o espírito se apropria da objetividade ou, inversamente, que o espírito suscita de si próprio o seu conceito, o objetiva e, deste modo, para ser bem-aventurado” (*die Vernunft*, p. 68).

A Filosofia da História universal é estruturada circularmente em forma de ondas concêntricas que se sucedem e se integram dinamicamente. Nesta esfera da Filosofia do Real, a dialética da subjetividade e da objetividade identifica aquela com o espírito do tempo, com a autoconsciência global da humanidade, com a subjetividade coletiva transformada em força intrínseca de desenvolvimento histórico. Por outro lado, a objetividade caracteriza o círculo da cultura, das civilizações, das épocas, da organização política e das obras culturais resultantes da efetivação do espírito do tempo. A autoconsciência da subjetividade universal e da intersubjetividade global são sistematizadas no formato do pensamento filosófico, nas exigências argumentativas e nos modelos sistemáticos expostos ao longo da História da Filosofia. Neste sentido, a Filosofia da História hegeliana é sistematizada a partir do critério da sucessão de civilizações dos impérios persa, grego, romano e germânico, sequenciados a partir do critério de universalização e de efetivação da liberdade. Trata-se da autoconsciência de liberdade e de efetivação, quando o saber de si da liberdade é dialetizado com a sua efetivação histórica. Em outras

palavras, no império grego alguns eram livres e outros eram escravos, enquanto no mundo germânico todos são livres e se conhecem como livres. A História da Filosofia é organizada em paradigmas epocais, modelos de pensamento e num conjunto de sistemas filosóficos engendrados em determinado período histórico e na condição de sistematização filosófica da autoconsciência da liberdade do povo.

Para aproximar a concepção de Sistema Filosófico e a dimensão da Filosofia do Real de Filosofia da História, o pensamento filosófico e a efetividade histórica constituem dimensões integradas e integradoras de um mesmo sistema. Nesta visão, a interioridade da subjetividade de um povo exterioriza-se na objetividade efetiva da estrutura da sociedade, da estrutura de eticidade e das obras históricas. A Filosofia, na condição de História da Filosofia, é uma obra histórica dentre tantas outras, porém, a obra de maior excelência que expressa a significatividade racional de determinada época. A circularidade dialética entre o espírito do tempo e a objetividade histórica abre um novo ciclo de desenvolvimento no qual a racionalidade filosófica se transforma na aurora do tempo e inaugura uma nova era civilizatória de organização política global, uma nova época e estrutura de eticidade. A sistemática correspondente à nova efetividade histórica e ética engendra um novo perfil de pensamento filosófico, não esgotado por um filósofo específico, mas por um conjunto de filósofos que integram um paradigma de época de sistematização filosófica. Dessa forma, o Sistema Filosófico hegeliano deve ser pensado na mútua convergência entre a Filosofia da História (desenvolvimento histórico da liberdade) e História da Filosofia (desenvolvimento do pensamento filosófico em sempre novas configurações sistemáticas de filosofia). Trata-se de um dinamismo ondulatório entre a estrutura da efetividade histórica e as concepções sistemáticas de filosofia. Na concepção sistemática hegeliana, a Filosofia da História mediatiza a História da Filosofia na exposição de suas determinações racionais de liberdade historicamente efetivadas; e a História da Filosofia mediatiza a Filosofia da História na sistematização da autoconsciência histórica dos homens e na significatividade racional da História universal. Considerando a permanente mediação entre a sistematização filosófica e a sistemática da liberdade, o Idealismo Alemão de

Fichte e de Schelling e o Sistema Filosófico hegeliano correspondem à compreensão filosófica e racional de um determinado grau de universalização da liberdade historicamente efetivado. Em outras palavras, o Sistema Filosófico hegeliano compreende um círculo de mediação entre o Espírito objetivo e o pensamento filosófico historicamente constituído. Sobre a atualidade da filosofia, Hegel escreve:

O terceiro gênero da história, a História Universal filosófica, conecta-se de tal modo com este último tipo de historiografia reflexiva que também o seu ponto de vista é um ponto de vista universal, mas não algo particular, que abstratamente se extrai ao prescindir-se dos outros pontos de vista. O ponto de vista universal da História filosófica do mundo não é abstratamente geral, mas concreta e absolutamente atual; com efeito, é o Espírito, que eternamente está junto de si e para o qual não há passado algum. Tal é o condutor das almas, Mercúrio, a Ideia é, na verdade, o guia dos povos e do mundo; e o espírito, a sua vontade racional e necessária, é que dirigiu e dirige os acontecimentos do mundo. Chegar a conhecê-lo, nesta condução, é aqui o nosso objetivo (HEGEL, 1995, p. 22).

Para Hegel, a História Filosófica não é abstratamente geral, mas é absolutamente atual e concreta. As obras históricas não ficam cristalizadas no passado, na condição de peças de um passado que nunca mais retorna, mas o processo histórico se atualiza permanentemente e reintegra o passado à atualidade do presente. Sob o ponto de vista civilizacional e histórico, as épocas do passado não são simplesmente substituídas por uma nova era que vem logo na sequência, mas as épocas anteriores são reincorporadas à civilização do presente. Uma análise mais aprofundada acerca da composição da humanidade atual evidencia que nela se acumulam elementos provenientes da cultura grega, da civilização cristã e medieval e da cultura moderna, além de componentes provenientes de outras civilizações supressumidos na atualidade do presente cultural. Isto se torna ainda mais plausível quando se trata da Filosofia compreendida por Hegel como uma História Universal filosófica, no sentido de que o percurso universal do pensamento filosófico formulado através dos filósofos, dos modelos de sistemas filosóficos e das concepções de filosofia se atualiza na configuração atual da filosofia. Desta forma, a História Filosófica é integrada pela evolução simultaneamente histórica e sistemática e pela sucessão de totalidades filosóficas, tais como a Filosofia Grega, a Filosofia

Medieval, a Filosofia Moderna etc. Juntamente com os círculos filosóficos e históricos, conforme exposto acima, evolui a História universal em civilizações objetivas que se desdobram num processo de atualização permanente e de universalização concreta. O Sistema Filosófico hegeliano reintegra as principais configurações de sistematização da tradição filosófica e, antecipado pelos sistemas de Fichte e de Schelling, através da exposição das diferentes esferas e das relações multilaterais estabelecidas entre elas, traduz um conjunto de sistemas na atualidade dialética do modelo hegeliano.

3 Filosofia da História e Filosofia do Espírito

Um dos aspectos contundentes da filosofia hegeliana é a correlação entre Filosofia da História e o Sistema Filosófico estruturado pela *Ciência da Lógica*, pela *Filosofia da Natureza* e pela *Filosofia do Espírito*. Nisto, a argumentação desenvolvida consiste em sustentar que a Filosofia da História não é uma simples parte do conjunto da filosofia, ou uma disciplina particular no universo da estrutura complexa das disciplinas filosóficas interdisciplinarmente distribuídas, mas todo o Sistema Filosófico é uma Filosofia da História. Dessa forma, não se verifica no interior do pensamento filosófico hegeliano uma pura filosofia afastada da realidade histórica, uma absoluta filosofia transcendental contraposta ao mundo empírico, uma *Filosofia do Espírito* justaposta à Filosofia da História, mas a significação dessas se estende para todo o sistema. Para Theunissen,

a filosofia hegeliana como um todo é uma Filosofia do Espírito, apresenta-se em sua totalidade, não apenas em uma disciplina, também como Filosofia da História. A tese conclusiva pode ser invertida: História é Espírito. Espírito e História são na mesma relação de coisas, no processo hegeliano da autodiferenciação e do retorno a si mesmo, a exteriorização no outro e a recondução a si mesmo (THEUNISSEN, 1970, p. 78).

Há, em Hegel, uma dupla relação da filosofia com a história. Numa primeira aproximação, o pensamento filosófico de qualquer época da história é expressão da autocompreensão racional do homem traduzida na forma típica da sistematização filosófica. A filosofia tem como ponto de partida a realidade concreta da história, as suas questões e os seus problemas que aparecem na forma do pensamento filosófico. É o que Hegel define tecnicamente como o

tempo apreendido no pensamento, a sistematização metódica da autocompreensão global do homem num determinado período histórico. Por outro lado, a filosofia retorna à história como a sua crítica, proporciona a sua transformação, contribui na introdução de um novo modelo histórico e uma nova sistemática do real. A concepção hegeliana de Filosofia da História compreende, também, a constituição do pensamento filosófico através de filósofos, concepções filosóficas, sistemas filosóficos que se desenvolvem a partir da própria lógica da evolução global da filosofia. Assim, conceitos e sistemas filosóficos são retomados por outros filósofos que dão uma formulação mais ampliada, um filósofo surge no contexto de outros filósofos e dá outra configuração ao pensamento. Dessa forma, um filósofo, muito mais que idealizador de uma doutrina fechada, é momento de um fluxo de desenvolvimento filosófico muito mais amplo que se insere no movimento permanente de atualização da filosofia enquanto História Filosófica.

Em Hegel, não há antinomia entre Filosofia e Filosofia da História, entre História e Sistema, entre logicidade e historicidade. A *Ciência da Lógica* é uma resposta hegeliana à filosofia transcendental kantiana, pois somente podia ser escrita num contexto pós-kantiano e na perspectiva crítica desenvolvida por Fichte e Schelling no sentido de integrar os dualismos kantianos de númeno e fenômeno, razão teórica e razão prática, natureza e liberdade etc. Trata-se de uma crítica a crítica kantiana com a finalidade de rearticulação do sistema da razão que conjuga as funções de lógica e de ontologia, de epistemologia e de teologia especulativa, de Método e de Sistema etc. A *Filosofia da Natureza*, segunda parte do sistema filosófico, desenvolve uma abordagem filosófica a partir dos conhecimentos científicos disponíveis no tempo de Hegel, integrada como componente estruturante de um Sistema Filosófico mais complexo. A *Filosofia do Espírito* é estruturada a partir da sistematização dialética da liberdade conquistada pelo homem no contexto da modernidade, articulando metodicamente componentes ético-políticos como a família, a sociedade civil, o Estado e as relações internacionais, costurados e mediatizados com conhecimentos teóricos como a arte, a religião e a filosofia. Por essa via, o primeiro ponto para a justificação da identidade dialética entre o Sistema Filosófico e a Filosofia da História está no universo do Espírito que

suprassume as diferenças entre a inteligibilidade da *Ciência da Lógica* e a materialidade da *Filosofia da Natureza* na segunda natureza do Espírito como sistema de autodeterminação da liberdade.

Como resposta preliminar à pergunta posta, a conjugação entre Sistema Filosófico e Filosofia da História está na identificação entre a Filosofia do Espírito e Filosofia da História. Para Ramiro Flórez, “o espírito é em si e para si, é radical e absolutamente concreto; enquanto atua, não só possui a forma de fazer-se consciente de si no pensamento puro, senão que se produz na totalidade do que corresponde à sua configuração, e isto é uma forma da História universal” (1983, p. 387). A história universal é resultado do autodesenvolvimento e automanifestação do Espírito que se efetiva na história e como história constituída na consubstancialidade entre razão teórica e razão prática enquanto história da liberdade. Por outro lado, a História universal é resultado da ação ética dos homens que constroem a sua liberdade a partir da estrutura de intersubjetividade das relações sociais que os torna efetivamente universais. A coextensividade entre Sistema Filosófico e Filosofia da História se dá numa dupla combinação de movimentos estruturados na particularização da universalidade do Espírito na História, na sucessão de épocas e civilizações e na efetiva constituição da liberdade humana. O segundo movimento de estruturação do Espírito é a ascensionalidade da universalização concreta que começa pela liberdade subjetiva, determina-se na efetividade da história universal no formato estrutural de intersubjetividade que amplia as subjetividades individuais e ascende para a universalidade do Espírito Absoluto. Para Hegel,

O espírito essente em si e para si não é o simples resultado da natureza, senão, na verdade, seu próprio resultado: a si mesmo produz, das pressuposições que para si mesmo faz – da ideia lógica e da natureza externa, e é a verdade tanto de uma como de outra; quer dizer, a verdadeira figura do espírito essente só em si, e do espírito essente só fora de si. A aparência de que o espírito seria mediatizado por um outro é suprassumida pelo espírito mesmo; pois ele tem a soberana ingratidão – por assim dizer – de suprassumir aquilo pelo qual parece mediatizado, de mediatizá-lo, de rebaixá-lo para algo que só subsiste por ele; e de se fazer, dessa maneira, perfeitamente autônomo (HEGEL, 1995, § 381 *Zusatz*).

Como resposta preliminar à pergunta relativa à identificação entre Filosofia da História e Sistema Filosófico, o esclarecimento da *Filosofia do Espírito* como síntese entre a *Ciência da Lógica* e a *Filosofia da Natureza* fornece os primeiros indicativos para a formulação da questão. O universo da *Filosofia do Espírito* não é uma pura racionalidade, numa possível aproximação da lógica hegeliana com a filosofia transcendental kantiana; como também não é uma natureza, aproximando a filosofia hegeliana à Filosofia da Natureza, de Schelling. Neste universo penetram a *Ciência da Lógica* e a *Filosofia da Natureza* cujos círculos são suprassumidos na condição do sistema do Espírito enquanto autodeterminação do real. A condição sistemática do Espírito é a automanifestação de sua infraestrutura racional na estrutura da objetividade histórica, pois supera a interpretação de uma pura lógica que vincularia Hegel à lógica transcendental kantiana e a pura objetividade da natureza que o vincularia à Schelling, mas a conjugação sintética dessas duas esferas na *Filosofia do Espírito* produz a lógica da autmediação do Espírito. A estrutura do Espírito marca uma tensão dialética entre o autodesenvolvimento e autodeterminação da razão na sistemática do real e o retorno dessa estrutura espiritual à reflexividade da razão cujas dimensões se integram em sempre novos níveis de efetivação. A expressão mais adequada para essa dimensão sistemática da filosofia hegeliana é sistema de liberdade manifestada numa estrutura universal de intersubjetividade realizada a partir da mediação universal entre os sujeitos e a mediação de diferentes instâncias comunitárias, tais como o Estado, as relações entre os Estados, o Direito internacional e a própria História universal.

4. História e Sistema

O objeto de investigação do texto é a identificação dialética entre Sistema e História, pois todas as partes da filosofia estão impregnadas de historicidade. Numa primeira aproximação, a relação entre essas duas dimensões pode ser formulada a partir da historicidade do sistema. O pensamento hegeliano como um todo apareceu na perspectiva da modernidade enquanto hermenêutica filosófica do tempo histórico e como sistematização filosófica de um conjunto de conhecimentos da época de Hegel. O modelo de

sistema proposto por Hegel, contrariamente aos modelos clássicos verticais e dedutivos, segue um formato horizontal e circular adequado ao contexto filosófico e histórico pós-kantiano. A *Ciência da Lógica*, por exemplo, não apresenta verdades transcendentais invariavelmente universais, mas foi escrita na tentativa de superação de lógicas clássicas como a formal aristotélica e a transcendental kantiana, numa clara crítica à crítica kantiana. Essa obra hegeliana, portanto, propõe uma nova forma de sistematização e de organização da natureza, da sociedade, da história e do cosmos concebidos no contexto da modernidade. A *Filosofia da Natureza* procura construir uma compreensão filosófica dos conhecimentos científicos disponíveis no contexto de Hegel, no intuito de superação da física newtoniana considerada como modelo de ciência por Kant. Para o filósofo, a natureza não é um universo de antinomias e de contradições, mas ela desenvolve uma racionalidade própria. A *Filosofia do Espírito* evidencia o processo de autodeterminação da liberdade conquistada pelo homem moderno. Para Ramiro Flórez,

Ao falarmos de uma série de configurações, esta série não deve entender-se como uma linha reta senão como um círculo que retorna sobre si mesmo. Este círculo tem em sua periferia outra grande quantidade de círculos. A História da Filosofia é uma evolução ou desenvolvimento através de muitos desenvolvimentos e evoluções. E cada desenvolvimento especial é um grau ou nível do Todo. O espírito é pulsão, manancial de geração e inovação. E grau a grau vai se produzindo, expressando-se, conhecendo-se, reconhecendo-se, plenificando-se. Em suma, a série de desenvolvimentos históricos são os graus de seu próprio desenvolvimento ou evolução (FLÓREZ, 1983, p. 405-406).

O sistema hegeliano, tal como formulado na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, expressa a consubstancialidade entre Sistema e História ao incorporar internamente movimentos epocais da História da Filosofia como componentes estruturantes do Sistema Filosófico. A estrutura do pensamento hegeliano é resultado da progressiva evolução e desenvolvimento global da filosofia que compreende o conjunto dos filósofos, sistemas filosóficos e concepções filosóficas desenvolvidas ao longo do tempo filosófico. Por outro lado, o Sistema Filosófico lança as suas raízes para dentro da tradição filosófica e atualiza os sistemas e modelos filosóficos do passado na significação do presente. Por esse caminho, o processo sistemático de ampliação da passagem

da *Ciência da Lógica* na *Filosofia da Natureza* e desta para a *Filosofia do Espírito* caracteriza um caminho de universalização concreto cuja ascensionalidade qualitativa é comparável com a ascensão grega do sensível para o inteligível. A progressividade sistemática entre a primeira esfera e a última esfera caracteriza uma passagem metódica do abstrato ao concreto, da universalidade abstrata à universalidade concreta, integrando e transformando os modelos paradigmáticos dos gregos e medievais numa lógica de autodesenvolvimento imanente. Por outro lado, o retorno da *Filosofia do Espírito* à *Ciência da Lógica* corresponde a uma nova combinação relacional e estrutural entre as esferas do sistema quando se estabelece o grau de efetividade do Espírito Absoluto. Trata-se de um movimento de interiorização racional homólogo ao da passagem da metafísica medieval na moderna filosofia da subjetividade. Desta forma, a relação do sistema hegeliano com a História da Filosofia resulta num modelo circular de constante ampliação, extensão e de interiorização reflexiva quando a interioridade e a exterioridade constituem polaridades integradoras de um mesmo movimento. A configuração sistemática e metódica passa a ser um sistema de círculos diferenciados circularmente integrados pela universalidade da Ideia filosófica. Para Stederoth,

Como o cumprimento do critério de significação para uma absoluta filosofia do real - ou seja, na determinação da ideia absoluta - só pode valer para o espírito absoluto, assim, não só a filosofia aparece no final, mas também a lógica - as implicações da história da filosofia do significado completo da tese mais uma vez retomada em seu verdadeiro e pleno significado se repete novamente, porque a história da filosofia - pelo menos esta é a tese de Hegel - segue já o curso de lógica, e desde que - de acordo com Hegel - as diferentes formas de história da filosofia que cada verdadeira filosofia também desenvolveu, portanto, em última análise, expõem sistemas (na perspectiva da introdução de Hegel em: 1) lógica / metafísica, 2) a filosofia da natureza, 3) filosofia do espírito, nas preleções sobre a história da filosofia, uma clara evidência), a conclusão do sistema na história da filosofia, como a representação do sentido pleno da lógica pode ser visto. Neste sentido, o Absoluto deve ser interpretado no sentido de critério do sistema global, que é implicitamente assumido na lógica e no desenvolvimento global do sistema deve continuar a satisfazer como um verdadeiro (STEDEROTH, 2001, p. 72).

A aproximação entre História e Sistema pode ser estabelecida através da confluência da linha horizontal e da linha vertical, numa posição representativa de relação entre a *Ciência da Lógica* com a Filosofia do Real.² Nesta sistemática, a linha horizontal é ocupada pela *Ciência da Lógica* e pela História da Filosofia cuja função básica é estruturar horizontalmente a história universal intrinsecamente perpassada pela Ideia filosófica. Nesta intrínseca consubstancialidade entre *Ciência da Lógica* e História, o desdobramento das determinações lógicas é muito próximo do desenvolvimento da História da Filosofia e das suas relações com a História universal. A linha vertical é ocupada pelas determinações da Filosofia do Real nas configurações da natureza, do espírito subjetivo, do espírito objetivo e do Espírito absoluto. Na exposição hegeliana, não se trata da justaposição hierárquica e irreduzível de uma determinação em relação à outra, mas da diferenciação imanente na qual a mais concreta e universal se fundamenta a partir das indeterminações presentes nas anteriores e da síntese das contradições em níveis de universalidade cada vez mais qualificados. Assim, a passagem da natureza para o espírito subjetivo é o salto qualitativo da natureza orgânica e biológica para a natureza significada pela subjetividade e a efetivação dessa pela apreensão subjetiva da natureza. A passagem do espírito subjetivo para o espírito objetivo significa o salto qualitativo da subjetividade individual na estrutura de intersubjetividade nos campos da Ética e da História. Trata-se de diferentes círculos comunitários de intersubjetividade interligados na constituição de um Estado, de Estados mutuamente interdependentes na organização do Direito internacional. A passagem do espírito objetivo para o Espírito Absoluto caracteriza a integração da linearidade e da verticalidade na circularidade do sistema, da pura filosofia na História da Filosofia, da simples mediação da *Filosofia da Natureza*, segundo esquema da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, na recíproca mediação de todos os círculos do sistema.

Na relação entre a Filosofia e a História, Hegel não formula uma compreensão como se os filósofos fossem ilhas isoladas nos seus formatos de pensamento filosófico, mas os pensa na perspectiva da evolução mais ampla do

² A reflexão que segue é inspirada num gráfico também proposto por Dirk Stederoth, em sua obra *Hegels Philosophie des subjektiven Geistes*, p. 65.

conjunto da filosofia. Na sistemática de horizontalidade e verticalidade aqui proposta, várias denominações históricas expressas em obras filosóficas podem ser distribuídas segundo a diferenciação qualitativa da racionalidade filosófica dos momentos da *Ciência da Lógica* e das diferentes instâncias da Filosofia do Real, segundo a proposição da dimensão vertical. Desta forma, a sistemática do real na determinidade do ser para si do atomismo grego pode ser situada segundo o momento lógico, na lógica do ser, e segundo a determinação do real, na natureza. Num outro exemplo, a sistemática do real na determinidade do ser de Parmênides pode ser situada segundo a qualidade lógica na lógica do ser, e segundo o grau de efetividade da Filosofia do Real, no espírito objetivo. A sistemática do real na determinação da substância spinozista situa-se, segundo a qualidade lógica, na lógica da essência, e no grau de efetividade da Filosofia do Real, situa-se na Natureza. Na *Ciência da Lógica*, mais precisamente no último capítulo da *Lógica da essência*, Hegel desenvolve uma discussão com a filosofia spinozista no intuito de estabelecer a dura passagem da necessidade para a liberdade, da essência no conceito. A sistemática do real na determinação da *Filosofia da Natureza*, de Schelling, pode ser situada na horizontalidade da qualificação lógica, na lógica da essência, e nas determinações da sistemática do real, no espírito objetivo. Schelling propõe uma indiferença entre subjetividade e objetividade, uma subjetividade materializada na estrutura da natureza, e uma objetividade reconduzida à autoconsciência da subjetividade. Propõe, igualmente, uma identidade indiferenciada entre natureza e espírito, razão pela qual a filosofia de Schelling ainda não alcançou a qualidade lógica do conceito. Com esses exemplos extraídos da História da Filosofia e introduzidos por Hegel em sua obra filosófica, a relação intrínseca de consubstancialidade entre Sistema e História pode ser sustentada a partir do movimento de evolução e integração entre *Ciência da Lógica* e a sistemática do real, como um critério de classificação das obras filosóficas. A relação entre Sistema Filosófico e Filosofia da História pode ser compreendida como uma absoluta filosofia do real, na formulação de Dirk Stederth:

Isto significa o completo sentido da tese que somente uma filosofia do real na determinidade da Ideia absoluta também

válida como absoluta filosofia do real. Interpreta-se a exposição enciclopédica da filosofia do real na determinidade da ideia absoluta (o que isto significa mais proximamente será explicitado), não fazendo mais sentido buscar as correspondências entre Lógica e Filosofia do Real, vindo a servir-se da esfera da figuração de Puntel da reciprocidade entre a verticalidade e a horizontalidade (STEDEROTH, 2001, p. 72).

A sistemática do real na determinidade da Ideia é o grau alcançado pela *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, na qual Hegel expõe o seu sistema completo. Na linha da horizontalidade, ela se situa no nível conceitual da lógica do conceito, e na verticalidade das determinações da Filosofia do Real entre o espírito objetivo e o Espírito Absoluto. Essa obra filosófica alcançou a indicada qualidade lógica e real porque representa um significativo avanço para a História da Filosofia, ao ultrapassar modelos dualistas de pensamento, tais como os de Aristóteles e de Kant; os modelos monistas de pensamento, tais como os de Parmênides e de Schelling; os modelos dedutivos, tais como o de Espinosa e de Fichte. O sistema filosófico, sinteticamente exposto na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, não segue a configuração sistemática de nenhum desses modelos, integrando num sistema complexo as sínteses dessas diferenças. Para além da sistematização metódica de esferas integradas num único sistema, essa configuração desenvolve múltiplos movimentos de fundamentação que começam por qualquer uma das esferas e se distribuem pelas outras e as qualifica racionalmente. A indicada obra hegeliana estabelece uma síntese entre horizontalidade e verticalidade, conforme exposição realizada acima, na intracircularidade de cada esfera que estabelece o seu ciclo próprio e na intercircularidade das relações entre as esferas multilateralmente entrelaçadas pela Ideia filosófica.

Com a configuração metódica e conceitual da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, em comparação com outras obras e sistemas filosóficos imediatamente anteriores, estabelece-se a coextensividade entre *Ciência da Lógica* e Filosofia do Real, entre horizontalidade e verticalidade na circularidade e transversalidade das relações interesféricas. Nesta configuração sistemática e histórica, a *Ciência da Lógica* não figura apenas como uma primeira esfera do Sistema Filosófico da qual são deduzidas as determinações do real, mas perpassa internamente a *Filosofia da Natureza* e a *Filosofia do Espírito*, na condição

de inteligibilidade imanente, marca a pulsão sistemática do processo de autodesenvolvimento do sistema como um todo. Assim, quando situamos a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* entre a lógica do conceito (na perspectiva da horizontalidade) e o espírito objetivo e Espírito Absoluto (na perspectiva da verticalidade), a tensão sistemática do conceito aponta para uma exposição na qual as estruturas da sistemática do real (Natureza e Espírito) caracterizam a efetividade da razão, e a Lógica caracteriza a interioridade do sistema filosófico na sua autodeterminação racional. Em outras palavras, no esquema global da História da Filosofia, na qual consideramos os diferentes espaços lógico-sistemáticos das principais obras filosóficas, a realização da *Ciência da Lógica* é a Filosofia do Real e a racionalidade dessa é a *Ciência da Lógica*. Por outro lado, considerando a *Ciência da Lógica* como uma esfera específica do sistema, ela figura como uma determinação da *Filosofia do Espírito* que se desenvolve na condição de uma Filosofia da História e na condição de uma História Filosófica. Por este caminho de raciocínio, tanto a Natureza quanto o Espírito contém dentro de si uma Lógica e a expõem nas suas qualidades racionais próprias. Sobre a relação entre Sistema e História, Hegel escreve:

Segundo esta ideia, sustento que a sucessão dos sistemas filosóficos na história é idêntica à sucessão lógica das determinações conceituais da ideia. Sustento que, despojando os conceitos fundamentais que aparecem na história da filosofia de tudo o que respeita à formação exterior da mesma, e à sua aplicação ao particular e assim por diante, se obtêm os vários graus da determinação da ideia no seu conceito lógico. Pelo reverso, tomando o processo lógico, encontra-se nele, nos seus momentos capitais, o processo dos fenômenos históricos. Mas importa saber reconhecer estes conceitos puros no que tem forma histórica. Poder-se-ia pensar que a filosofia nos graus da ideia devesse ter uma ordem diversa daquela segundo a qual tais conceitos surgiram no tempo; mas, no conjunto, a ordem é idêntica (HEGEL, 1986, p. 49).

O texto, conciso em sua formulação, estabelece algumas pistas para pensar de forma integrada Sistema e História a partir de Hegel. O filósofo identifica Filosofia, História da Filosofia e Sistema Filosófico. Não há uma filosofia pura desligada da História, mas a filosofia é construída a partir da História e na perspectiva da evolução histórica do pensamento filosófico. A Filosofia se identifica com a História da Filosofia porque ela compreende um

processo histórico de construção através dos filósofos, concepções filosóficas e desenvolvimento de modelos sistemáticos ao longo da história. Um exemplo dessa constatação é a sistematização da concepção dialética de pensamento na tradição de Platão, Plotino, Agostinho, Nicolau de Cusa, Espinosa, Fichte e Hegel, por exemplo, na fundamental mediação com a história real que fornece o material para a construção do pensamento filosófico. A Filosofia se identifica com o Sistema Filosófico porque o desencadeamento histórico vai estruturando a filosofia na configuração de sistemas filosóficos cada vez mais complexos. Assim, o Sistema Filosófico hegeliano é resultado do desencadeamento histórico e sistemático que integra os modelos grego, medieval e moderno de pensamento, conforme analisado acima. No texto, o desencadeamento das determinações conceituais da Ideia é semelhante ao desencadeamento histórico dos sistemas filosóficos que, por sua vez, expõem determinações lógicas. Desta forma, o desenvolvimento sistemático da História da Filosofia compreende momentos fundantes como a exterioridade dos modelos ontológicos formulados pelos gregos e medievais, na fundamental contraposição entre Ideia e realidade, absolutividade e realidade. Outro momento fundante desse processo lógico-sistemático é a interioridade da subjetividade moderna, particularmente os modelos cartesiano e kantiano representativos do refluxo do pensamento filosófico para a revolução copernicana da subjetividade. Os modelos do Idealismo Alemão (Fichte e Schelling) e o sistema hegeliano representam outro círculo filosófico no qual a Ideia se determina na estrutura sistemática própria do movimento filosófico pós-kantiano. Na relação do Sistema com a História da Filosofia, o pensamento hegeliano penetra na profundidade da tradição filosófica e se lança na universalidade concreta de um círculo que a compenetra exteriormente e a transforma na atualidade sistemática do presente. Outra dimensão sistemática é a estrutura complexa do sistema nos movimentos de progressão intraesféricos, interesféricos e nas relações entre o círculo dos círculos com os círculos particulares que aparecem como totalidades sintéticas. Para Hegel,

A História da Filosofia mostra nas filosofias diversamente emergentes que, de um lado, somente aparece uma filosofia em diversos graus de desenvolvimento, e de outro lado que os princípios particulares – cada um dos quais está na base

de um sistema – são apenas ramos de um só e do mesmo todo. A filosofia última no tempo é o resultado de todas as filosofias precedentes, e deve por isso conter os princípios de todas (HEGEL, 1995 § 13).

No exercício de conciliação entre Sistema e História há uma única filosofia em desdobramento nas várias concepções filosóficas e modelos de sistema. As diferentes filosofias e as contradições, por exemplo, entre racionalismo e empirismo, não desqualificam a sistematicidade da filosofia, pois desembocam nas mais variadas formas de síntese. Desta forma, a estrutura da filosofia através do desdobramento de vários sistemas filosóficos e modelos de pensamento caracteriza uma ramificação que torna o sistema global cada vez mais amplo, complexo e verdadeiramente universal. Desta forma, a imagem da horizontalidade pode ser identificada com o fio condutor da Ideia filosófica que perpassa horizontalmente a história, interliga todas as formas de pensamento filosófico e transversaliza as relações entre os filósofos. Porém, a horizontalidade é enriquecida com a imagem da circularidade que caracteriza os diferentes paradigmas filosóficos e os diferentes patamares de efetividade e de universalização da História da Filosofia como um grande sistema. Nesta sistemática, quanto mais extenso o fio condutor da horizontalidade, mais amplo será o universo da circularidade e mais complexos serão os sistemas filosóficos. Nesse processo de ampliação permanente, o Idealismo Alemão e o Sistema hegeliano ocupam o espaço mais elevado e mais amplo, estabelecendo a síntese de várias correntes de pensamento anteriores. As filosofias de outras épocas não ficam obsoletas como relíquias de um passado longínquo, mas o desenvolvimento da filosofia reintegra no seu interior as formas de pensamento do passado sempre traduzidas e transformadas na perspectiva da atualidade. No retorno para passado filosófico, esses sistemas de pensamento filosófico acompanham o movimento de permanente atualização da filosofia, e no movimento de progressão a filosofia segue um contínuo processo de atualização qualitativo.

Um dos componentes básicos da identificação hegeliana entre História e Sistema é a visão conjunta da História da Filosofia como um único sistema em autodesenvolvimento histórico e sistemático. Trata-se de um sistema de totalidade que inclui num único movimento metódico todos os filósofos da

tradição, os modelos sistemáticos de estruturação do pensamento filosófico e os paradigmas históricos enquanto sistemas que transcendem a individualidade dos filósofos. Assim, o pensamento filosófico de um filósofo não deve ser lido como exclusivamente resultante da sua genialidade filosófica individual, mas como uma singularização do processo de sistematização global da filosofia. A visão de totalização reflexiva é completada pela complexidade e transversalidade dos movimentos de fundamentação do processo histórico de autossistematização da filosofia, pois cada filósofo é resultado de múltiplas influências e influencia múltiplos outros filósofos. O caráter sistemático da História da Filosofia se dá no sistema de relações que atravessam os filósofos, sendo cada qual um ponto sintético de convergência do processo histórico da filosofia como um todo. Neste sentido, Sistema e História se entrecruzam na condição estrutural de inter-relacionalidade global que integra cada filósofo numa teia de circularidade evolutiva e sistemática da filosofia. Não basta, para Hegel, o estudo individual dos filósofos na reconstituição das suas principais ideias e da estrutura do pensamento, mas é preciso inseri-los em contextos mais amplos de argumentação filosófica. A História da Filosofia como um grande sistema, sempre mediatizado pela História universal, evolui sistematicamente em vários patamares de efetivação em cuja dinâmica cada sistema filosófico individual constitui uma ramificação do todo. Mas as diferentes filosofias que formam o grande sistema filosófico não ficam restritas ao passado no formato como os seus autores os pensaram, mas penetram em novas estruturas de significação filosófica que atualizam as filosofias de outras épocas no presente filosófico. O sistema filosófico hegeliano, enquanto estrutura de convergência, negação e atualização do processo histórico e sistemático da filosofia, reintegra numa única sistematização conceitos e estruturas filosóficas provenientes de várias tradições filosóficas.

A conjugação hegeliana entre Sistema e História, tal como aqui proposta, tem como resultado a mútua mediação entre a história universal e a construção do pensamento filosófico. A estrutura de uma época, constituída pela organização política, pela cultura, pela estrutura de sociabilidade, pela religião e pelas relações sociais, tem como correlato a autoconsciência coletiva na condição de espírito do tempo sistematizado racionalmente pela filosofia.

Os vários períodos da História da humanidade têm como correlato o pensamento filosófico formulado por vários filósofos, em cujo movimento o sistema filosófico hegeliano é uma expressão do período histórico pós-revolucionário. Nesta lógica, a sistemática filosófica mediatiza a história porque traduz as suas determinações concretas no pensamento filosófico sistematicamente elaborado; e a história mediatiza o pensamento filosófico como uma efetivação das determinações racionais da filosofia. Numa tentativa de síntese entre Sistema e História, a aproximação entre Filosofia da História e História da Filosofia torna essa tentativa viável. Na Filosofia da História, Hegel descreve o progresso da razão e o autodesenvolvimento da liberdade que se desdobra no sistema de liberdade e na efetividade histórica enquanto tal, num processo de universalização que passa pelos múltiplos impérios históricos e pelo sistema de determinações éticas expostas na *Filosofia do Direito*. Na História da Filosofia, Hegel projeta um olhar filosófico retroativo e interpreta o processo histórico da filosofia na perspectiva da atualidade e do presente filosófico. Na última configuração do Espírito Absoluto, para além da separação entre absolutividade e relatividade, infinitude e finitude, pensa a Filosofia como História da Filosofia em constante formação e mediação histórica. Emil Angehrn realiza uma síntese entre Sistema e Liberdade e entre Sistema e História nestes termos:

Liberdade foi dada como centro e ponto angular do Sistema. A filosofia como um todo se expressou como conceito de liberdade como a determinação essencial de uma teoria de liberdade. Partindo de dois pontos de vista a serem especificados, o que significa para o Sistema, que a sua forma e o seu conteúdo são constituídos no conceito de liberdade. O Sistema é teoria de liberdade, no qual é por um lado Filosofia da História, por outro, teoria do Espírito Absoluto e, por último, teoria da filosofia, ou filosofia que a si mesma se concebe. É demonstrada a unificação real entre o fim do Sistema e a conclusão da História da Filosofia. Num sentido análogo o desdobramento histórico representa para o conjunto da esfera do Espírito Absoluto momento essencial, no resultado conjunto das instâncias fundamentais a partir de cada uma. A fundamental dimensão histórica do vir-a-ser da consciência do Espírito em si mesmo que na correspondência de História do mundo, História da ciência e filosofia sistemática expressa, há uma congruência entre o conteúdo da História e o

conteúdo da Filosofia mesma (ANGEHRN, 1977, p. 420-421).

O texto citado é típico da leitura do pensamento hegeliano como um sistema de liberdade. O sistema filosófico é uma teoria da liberdade na medida em que expressa o processo de autodeterminação do real. A tridimensionalidade sistemática da filosofia é constituída por uma Filosofia da História no autodesenvolvimento histórico da liberdade enquanto constituição da história do Espírito estruturado pela inteligibilidade da Ideia de liberdade desdobrada em épocas e civilizações. O sistema filosófico é uma teoria do Espírito Absoluto constituída pelo processo de ampliação sistemática que começa pela *Ciência da Lógica*, abre-se para a *Filosofia da Natureza* e constitui a síntese da *Filosofia do Espírito* e retorna para a estrutura racional da *Ciência da Lógica*, completando a circularidade de ampliação e de reflexividade. O Espírito Absoluto não caracteriza uma razão afastada da História, mas um nível de autofundamentação do sistema filosófico no qual integra a finitude e a infinitude, a historicidade e a absolutividade. O sistema filosófico é uma teoria da filosofia na medida em que identifica Filosofia, História da Filosofia e Sistema Filosófico. O modelo hegeliano é resultado da progressão histórica e sistemática da filosofia através dos filósofos e modelos de pensamento desenvolvidos ao longo do tempo; é, igualmente, resultante de um olhar retroativo do pensamento filosófico crítico que reintegra as principais formulações filosóficas na atualidade da significação filosófica. A compreensão filosófica na qual se integra o sistema hegeliano é um processo de autoconstrução que atualiza permanentemente a filosofia na atualidade do presente filosófico. A fundamental consubstancialidade entre Sistema e História, como característica estruturante da filosofia hegeliana, tem como correspondência a História universal, a História Filosófica na condição do desenvolvimento do pensamento filosófico através dos filósofos e sistemas filosóficos historicamente constituídos e a estruturação do sistema filosófico. Isso resulta na adequação entre o conteúdo da história e o conteúdo da filosofia mesma. O pensamento filosófico exposto na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* é pensado a partir da história no grau de desenvolvimento alcançado pelo espírito do mundo.

Na tentativa de construção de uma síntese entre Sistema e História, os comentaristas aqui considerados seguem uma orientação interpretativa semelhante. Dirk Stederoth é enfático ao sustentar que não faz mais sentido discutir as correspondências entre *Ciência da Lógica* e Filosofia do Real, pois o sistema filosófico como um todo seria uma absoluta Filosofia do Real. No contexto de exposição de vários modelos de sistema que apareceram ao longo da história, a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* seria a complexidade do real em autodesenvolvimento, integrada na História da Filosofia ao suprasumir modelos filosóficos dualistas e monistas. Dentro do desenvolvimento racional da História da Filosofia, o sistema filosófico hegeliano é determinado na condição de intrínseca compenetração entre a inteligibilidade da Ideia filosófica e as diferentes esferas do real, desaparecendo paralelismos externamente relacionados entre determinações categoriais lógicas e determinações correspondentes na Natureza e no Espírito. Nesta interpretação, Hegel transformou as múltiplas aporias que na História da Filosofia separam o ideal e o real numa estrutura equioriginária em desenvolvimento integrador. Michael Theunissen e Emil Angehrn seguem um caminho levemente diferente no que diz respeito à síntese entre Sistema e História. O primeiro deles correlaciona Filosofia da História, Filosofia do Espírito e Filosofia da Religião como um único e mesmo estado de coisas, concluindo a exposição com a análise dos silogismos sistemáticos expostos por Hegel no final da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. Nessa perspectiva, a concepção hegeliana de Espírito Absoluto como tratado teológico-político se sustenta na historicidade do sistema. Emil Angehrn completa ao empreender uma exposição linear do sistema filosófico, começando a trajetória com a *Ciência da Lógica*, passando pelas diferentes dimensões do Espírito, até completar a sequência linear com as determinações do Espírito Absoluto de arte, religião e filosofia. Nesse patamar, desenvolve uma exposição decididamente circular na qual Sistema e História entrelaçam-se substancialmente na compreensão do sistema como Filosofia da História, como Espírito Absoluto e como Filosofia da Filosofia. Trata-se de um desenvolvimento no qual essa tridimensionalidade de componentes mergulha um no outro, pois cada qual será a totalidade do sistema na configuração própria.

5. Considerações Finais

Expomos sinteticamente os pontos angulares acerca do Sistema Filosófico hegeliano como uma Filosofia da História. O sistema em sua totalidade é perpassado pela historicidade, é expressão da História efetiva e situa-se na mediação entre a realidade histórica efetiva e o seu esclarecimento nos sistemas filosóficos construídos ao longo da História da Filosofia. Por essa razão, é resultado da mediação entre a História e a Filosofia, enquanto a História mediatiza a Filosofia ao concretizar as suas determinações racionais, e enquanto a Filosofia mediatiza a História como a sua sistematização racional e reflexividade.

A consubstancialidade entre Sistema e História é confirmada por um argumento sintético muito simples. A Filosofia da História hegeliana expõe o desdobramento da racionalidade filosófica na forma de Ideia de liberdade em permanente efetivação nas civilizações, nas épocas históricas e nos contextos globais de organização política, tal como, por exemplo, Hegel expõe na *Filosofia do Direito*, destacadamente a teoria de Estado, de relações entre os Estados e de Direito internacional. A Ideia filosófica de liberdade não fica restrita à linearidade da imanência histórica, mas assume um formato cíclico quando sai da interioridade e emerge no espaço intencional mais elevado na condição de pensamento filosófico sistematizado. É a humanidade que se pensa a si mesma traduzida nas exigências do pensamento filosófico elaborado. Como momento mais elevado do desenvolvimento civilizacional, a Ideia filosófica retorna à imanência histórica na condição de inteligibilidade fundamental e na formação de um novo contexto histórico e ético, totalizando a Filosofia da História universal um conjunto de mediações a partir dos momentos da universalidade da Ideia de liberdade, na particularidade da efetividade histórica e na singularidade do pensamento filosófico sistematizado.

A relação do Sistema Filosófico hegeliano com a História da Filosofia anterior é dupla, na perspectiva da progressividade da evolução da filosofia e da recondução da memória filosófica que recupera na atualidade a evolução filosófica anterior. Numa primeira aproximação, o Sistema filosófico hegeliano é resultado do processo de totalização sintética da filosofia que compreende a atualização permanente de todos os sistemas filosóficos desenvolvidos

anteriormente e configura-se, por essa razão, numa perspectiva sistemática mais elevada e mais complexa. Por outro lado, o mesmo Sistema filosófico, particularmente em sua organização horizontal, reúne os movimentos filosóficos globais na passagem da *Ciência da Lógica* para a *Filosofia da Natureza* e para a *Filosofia do Espírito* homóloga à ascensão grega e o retorno à primeira esfera do sistema como um movimento homólogo à interiorização típica da subjetividade moderna. Desta forma, é possível afirmar que a predominante horizontalidade do Sistema Filosófico, tal como exposta na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* reintegra a tradição filosófica como um todo e a expõe dialeticamente na expressão atualizada do pensamento filosófico. Por outro lado, quando o Sistema Filosófico é lido na dimensão circular da mediação universal, ultrapassa as configurações filosóficas da História da Filosofia e efetiva novos parâmetros para a filosofia na sua fundamental coextensividade com a História.

Referências Bibliográficas

- ANGEHRN, E. *Freiheit und System bei Hegel*. Berlin: Walter de Gruyter, 1977.
- FLÓREZ, Ramiro. *La dialéctica de la historia en Hegel*. Madrid: Gredos, 1983.
- HEGEL, G. W. F. *A razão na história: introdução à filosofia da história universal*. Trad. de Arthur Morão. Lisboa: Edições 70, 1995.
- HEGEL, G. W. F. *Die Vernunft in der Geschichte*. Hamburg: Felix Meiner, 1955.
- HEGEL, G. W. F. *Wissenschaft der Logik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1993b. 2 b.
- HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio (1830)*. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995a. 3 v.
- HEGEL, G. W. F. *Enzyklopädie der Philosophischen Wissenschaften im Grundrisse*. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1999.
- HEGEL, G. W. F. *Grundlinien der Philosophie des Rechts*. Hamburg: Felix Meiner, 1999.
- HEGEL, G. W. F. *Princípios da filosofia do direito*. Trad. de Norberto de Paula Lima. São Paulo: Ícone, 1997.
- HEGEL, G. W. F. *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986. 3 v.

STEDEROTH, Dirk. *Hegels Philosophie des Subjektiven Geistes. Ein Komparatorischer Kommentar*. Berlin: Akademie Verlag, 2001.

THEUNISSEN, Michael. *Hegels Lehre vom absoluten Geist als theologisch-politischer Traktat*. Berlin: Walter de Gruyter, 1970.

Data de Recebimento: 28 de novembro de 2013;
Data de Aceite para Publicação: 04 de janeiro de 2014.